

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

REGIANE TERESINHA DA CONCEIÇÃO BARROS

O Estudo do Modelo Educacional Atual pela Perspectiva da Diferença

Niterói

2009

REGIANE TERESINHA DA CONCEIÇÃO BARROS

O Estudo do Modelo Educacional Atual pela Perspectiva da Diferença

Monografia apresentada como pré-requisito de
conclusão do curso de Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Dr. Latuf Mucci

Co-orientadora: Vanessa Rocha

Niterói

2009

O ESTUDO DO MODELO EDUCACIONAL ATUAL PELA PERSPECTIVA DA
DIFERENÇA

Monografia apresentada como pré-requisito de
conclusão do curso de Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Dr. Latuf Mucci

Co-orientadora: Vanessa Rocha

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Latuf Mucci – Orientador

UFF

Prof. Lúcia Bravo

UFF

Vanessa Rocha – Co-orientadora

Produtora Cultural

Niterói

2009

Dedico esta monografia primeiramente a minha família que sempre deu apoio e suporte em todo meu processo educacional. E a todos os profissionais e amigos da Universidade, que tornaram possível a realização deste trabalho, em especial, aos mais próximos em meu 5º período de curso.

“Como evitar que as crianças se prendam às semióticas dominantes a ponto de perder muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão?” (GUATTARI, 1987, p.5)

RESUMO

O “Estudo do Modelo Educacional Atual pela Perspectiva da Filosofia da Diferença” é um projeto que busca, através de pesquisa e trabalho de campo, compreender como o ambiente educacional desenvolve seu trabalho com a educação infantil. Não apenas criticar, como suscitar questões e possíveis diretrizes, que visem à criatividade, meios de expressão autônomos, ou seja, dentro das multiplicidades, priorizar desejos, diferenças e aptidões. Acender logo na infância a percepção da importância de saber argumentar, produzir e escolher, possibilitando adultos com espírito crítico e com desejo de participação ativa na sociedade.

Para desenvolver e possibilitar estes ideais serão propostas diretrizes, e principalmente através da inserção de práticas culturais ao trabalho pedagógico, favorecer a conexão de idéias, estímulo a capacidade de intervenção, criação e compreensão. Isto porque as práticas culturais encaminham a formação de gostos, personalidade, percepção, trabalho em equipe, imaginação, observação e raciocínio, proporcionando um novo olhar as disciplinas não mais como locais de absorção, mas sim de reflexão e expressão.

Palavras-chave: Educação, Filosofia da Diferença, Práticas Culturais, Produção Cultural.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MODELO EDUCACIONAL EM QUESTÃO.....	11
2.1. CONCEITUAÇÃO DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA.....	11
2.2. A ESCOLHA DO UNIVERSO EDUCACIONAL.....	12
2.3. DA INSERÇÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS AO CURRÍCULO.....	14
3. EDUCAÇÃO TRADICIONAL X OUTRAS PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO.....	16
3.1. PEDAGOGIA TRADICIONAL.....	16
3.2. PEDAGOGIA RENOVADA.....	17
3.3. PEDAGOGIA LIBERAL TECNICISTA.....	18
3.4. PEDAGOGIA CONSTRUTIVISTA.....	19
4. ESTUDOS DE CASO.....	20
4.1. C.C.P.E – CENTRO DE CRIATIVIDADE PRÓ-ENSINO.....	20
4.2. C.E.M – CENTRO EM MOVIMENTO.....	21
4.3. COLÉGIO CURSO PONTO DE ENSINO.....	23
4.4. ESCOLA PÓLEN.....	27
4.5. COLÉGIO MIRAFLORES.....	29
4.6. COLÉGIOS MUNICIPAIS E O ESPAÇO CULTURAL CAMARIM DAS ARTES.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5.1. DIRETRIZES.....	37
5.1.1. Dos profissionais e todos os envolvidos ao espaço educacional.....	37
5.1.2. Dos alunos.....	40
5.1.3. Da comunidade.....	41
5.1.4. Dos Pais.....	41
ANEXOS.....	43
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A visão deste trabalho é ver na criança um ser humano dotado de desejos e aptidões, um futuro adulto capacitado a lutar pelos seus direitos, argumentador e com poder de crítica. O local escolhido para percepção desta transição é o ambiente educacional, onde iniciam os primeiros contatos com o mundo, as relações sociais e transformação do indivíduo como ser pensante e atuante.

O modelo educacional, em quase toda sua totalidade, é hoje apoiado numa lógica capitalista, em que capitalismo consiste no controle sobre corpos, mentes, inteligência, desejo e afetividade, através da produção de subjetividade. Conforme descreve GUATTARI “As máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes”. (2000, p.14) Por isso, este controle se dá em diversas esferas da vida e, principalmente, inicia na educação.

O ponto principal é como a escola se encaixou neste processo, que Michel Foucault em “Vigiar e Punir” a denominou: tecnologia política da disciplina – que visa individualizar dentro da multiplicidade, controlar em tudo, comportamentos e atitudes. Dentro do ambiente escolar temos professores, detentores do saber, alunos, aptos a absorver, provas, para qualificar. E tudo para atender as necessidades e os desejos da sociedade. Estuda-se com uma finalidade, formar-se para trabalhar. Assim, desde cedo, os indivíduos são limitados quanto à escolha, a liberdade e ao questionar. Sem esses

sentimentos e sem essas necessidades, desaparecem nas pessoas o espírito crítico e o desejo de participação ativa na sociedade.

Por isto, o objeto deste trabalho é a valorização do ser humano que, por ser atravessado por toda multiplicidade, constitui a diferença, com desejos e anseios. E como isto poderia ser feito? Não se pode afirmar, porém este projeto visa propor diretrizes pensadas através da inserção de práticas culturais ao meio educacional e a não limitação ao seu espaço físico.

A busca por inserção de práticas culturais surge do próprio termo “cultura”, embora amplo em suas significações, podemos entender como:

“expressão das características de um povo, reconhecendo nessas características, as formas como os grupos atuam na vida social, quais são seus conhecimentos, idéias, crenças, ou seja, tudo o que é cultural é humano e tudo que é humano é cultural. Assim pode-se verificar como uma sociedade codifica suas teorias, doutrinas, práticas costumeiras e rituais, nos demonstrando que a diversidade da vida social pode nos sugerir uma multiplicidade de manifestações da cultura”. (CADENA, Bianca Afonso).

Além disso, LIBÂNEO cita, em seu livro “Didática, Velhos e Novos Temas”, o pedagogo espanhol Pérez Gomez, que reconhece quatro culturas atravessando a escola:

“a *cultura elaborada*, que está nas disciplinas científicas; a *cultura acadêmica*, que é o currículo explícito, as disciplinas escolares resultantes de uma seleção da cultura científica; a *cultura escolar*, que são os comportamentos, as rotinas que caracterizam as relações e as práticas organizativas entre os professores, alunos, funcionários, dirigentes; a *cultura social*, que são os significados sociais e os comportamentos dominantes numa comunidade, num grupo social, numa certa época e que são passados espontaneamente como o individualismo, conformismo etc.; a *cultura dos alunos*, que é a cultura social que se projeta individualmente, conforme a história e o contexto de vida de cada um e que forma a diversidade escolar”. (2002, p.39)

Além disso, ainda questiona sobre a existência de um quinto tipo de cultura, “a *cultura de massa*, que muitos chamam de “escola paralela; é a cultura televisiva, os vídeos, o cinema, a imprensa, as revistas populares, o rádio.” (id. Ibid. p.39)

Por isso, já é possível reconhecer que o ser humano está a todo momento imerso a palavra cultura, e diante de sua amplitude, nos limitaremos as práticas culturais. Práticas culturais entendidas como uma forma dos indivíduos expressarem suas vontades, olhar frente às diversas manifestações e do contexto aos quais o mesmo está inserido. A cultura não estanque às atividades e interações cotidianas e traduzida em cantos, lendas, crenças, mitos, danças, jogos, festas, costumes, tradições, brinquedos e brincadeiras, que permeiam as práticas corporais presentes nos diversos grupos que compõem a sociedade.

Neste projeto iremos analisar correntes, pesquisas de campo e apontar possíveis diretrizes para serem trabalhadas entre comunidades, pais, alunos, pedagogos, artistas, produtores culturais, enfim todos aqueles que possam estar envolvidos, a fim de experimentar algumas idéias já existentes ou redimensionar outras. Educação não apenas limitada aos espaços físicos escolares, porém também a rua, casa, espaços de convívio. Procurar desenvolver um novo pensar sobre a educação, centrado não apenas no transmitir de idéias, porém no criar, trabalhar a criatividade, espírito coletivo e habilidades, reconhecer as vivências e experiências dos alunos, trabalhar as aptidões, gostos e interesses, junto ao currículo escolar.

2. MODELO EDUCACIONAL EM QUESTÃO

2.1. Conceituação da filosofia da diferença

Primeiramente a idéia iniciou a partir da leitura de autores como Deleuze, Guattari, Foucault e a compreensão da conceituação de filosofia da diferença. A filosofia da diferença acredita que o que caracteriza a vida é a multiplicidade, o grande coletivo de singularidades que se descobrem quando desconstruímos o senso comum. Tudo que há no mundo está conectando, inter-relacionando e se confrontando a todo tempo. A partir disto:

“constitui uma filosofia que se interessa pela diversidade, pluralidade e singularidade, ao invés de uma filosofia baseada numa idéia universal e numa totalidade que contém partes singulares. Ou seja, a filosofia da Diferença se interessa menos pelas semelhanças e identidades e muito mais pela singularidade e particularidade”. (POUGY, Eliana)

O ponto chave para utilizar esta filosofia na infância foi a reflexão da produção de singularidade, perspectiva de Deleuze, que prevê através de atravessamento de diversos fluxos, sala-de-aula, família, escola, comunidade, estabelecer disjunções/conjunções de elementos heterogêneos e descontínuos em uma composição singular. Provocando assim, logo nos primeiros anos, seres possibilitados a se construírem e desconstruírem, quando assim desejarem, através de suas próprias vontades e desejos frente a tudo que existe. Ter a tudo e poder fazer suas próprias escolhas. A filosofia da Diferença entende que todos, temos uma potência de Ser que precisa estar sempre livre, sempre disponível.

2.2. A escolha do Universo Educacional

A escolha do universo educacional partiu de uma inquietação provocada no 5º período da faculdade, com a realização de um trabalho sobre “Formação” e a discussão provocada por esta temática.

Para corroborar a motivação desta escolha, pode ser apresentado o diagnóstico de pesquisa, através do documento “Parâmetros Curriculares Nacionais”:

“Em relação às taxas de transição, houve substancial melhoria dos índices de promoção, repetência e evasão do ensino fundamental. Verifica-se, no período de 1981-92, tendência ascendente das taxas de promoção — sobem de 55% em 1984, para 62% em 1992 — acompanhada de queda razoável das taxas médias de repetência e evasão, que atingem, respectivamente, 33% e 5% em 1992. Essa tendência é muito significativa. Estudos indicam que a repetência constitui um dos problemas do quadro educacional do País, uma vez que os alunos passam, em média, 5 anos na escola antes de se evadirem ou levam cerca de 11,2 anos para concluir as oito séries de escolaridade obrigatória. No entanto, a grande maioria da população estudantil acaba desistindo da escola, desestimulada em razão das altas taxas de repetência e pressionada por fatores socioeconômicos que obrigam boa parte dos alunos ao trabalho precoce. Apesar da melhoria observada nos índices de evasão, o comportamento das taxas de promoção e repetência na primeira série do ensino fundamental está ainda longe do desejável: apenas 51% do total de alunos são promovidos, enquanto 44% repetem, reproduzindo assim o ciclo de retenção que acaba expulsando os alunos da escola”. (PCN, 1997, p.19)

Após 10 anos destes estudos, analisando o site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), encontramos que a taxa de evasão caiu para 4,8% e de repetência para 13,2%, no entanto que apesar de parecer baixo para os anos anteriores, ainda corresponde a quase 1 (um) milhão e meio de alunos.

“As taxas de repetência evidenciam a baixa qualidade do ensino e a incapacidade dos sistemas educacionais e das escolas de garantir a permanência do aluno, penalizando principalmente os alunos de níveis de renda mais baixos”. (PCN, 1997, p.22)

As disciplinas especificamente mostram déficits na forma de transmissão, no documento analisa-se a matemática.

“Os resultados de desempenho em matemática mostram um rendimento geral insatisfatório, pois os percentuais em sua maioria situam-se abaixo de 50%. Ao indicarem um rendimento melhor nas questões classificadas como de compreensão de conceitos do que nas de conhecimento de procedimentos e resolução de problemas, os dados parecem confirmar o que vem sendo amplamente debatido, ou seja, que o ensino da matemática ainda é feito sem levar em conta os aspectos que a vinculam com a prática cotidiana, tornando-a desprovida de significado para o aluno”. (id. Ibid. p.24)

Esses estudos provocam a reflexão de quais as causas destes problemas. E dentre tantas, encontram-se: escola distante de casa, a falta de transporte escolar, não ter adulto que leve até a escola, falta de interesse e ainda doenças/dificuldades dos alunos.

Neste projeto vamos nos ater ao pouco interesse e dificuldade dos alunos. É notório que na maioria dos colégios, os professores estão mais preocupados com os fins (notas e provas) do que com os meios. Primeiramente porque não tem estímulo, são mal pagos e, sensivelmente mal preparados para a prática pedagógica. Assim, os alunos entram neste sistema e não são incentivados para o desenvolvimento, o processo e em criticar e sim, a gravar o máximo de informações possíveis, absorver, sem buscar de fato um entendimento do que é proposto.

Por isso o mais importante seria iniciar da educação e da remuneração dos profissionais, estimulá-los, porém como está em uma escala muito macro, falarei em relação aos profissionais e os envolvidos com este processo de formação. Logicamente, não tem cunho de uma modificação radical, e sim, do despertar de idéias e do desejo da mudança.

2.3. Da Inserção de Práticas Culturais ao Currículo

A educação através da arte, também dita práticas culturais, por Fusari e Ferraz, no livro “Arte na Educação Escolar”, foi difundida no Brasil a partir das idéias do filósofo inglês Herbert Read (1948) e apoiada por educadores, artistas, filósofos, psicólogos etc. A base desse pensamento é ver a arte não apenas como uma das metas da educação, mas sim como o seu próprio processo, que é considerado também criador.

Sendo assim, educação artística no Brasil já é pensada mesmo antes da sua obrigatoriedade, a partir da lei 5692/71. De acordo com o documento “Educação Artística Leis e Pareceres” Ministério da Educação e Cultura, a lei reconhece que a inserção da arte:

“não se dirigirá, pois, a um determinado terreno estético. Ela se deterá, antes de tudo, na expressão e na comunicação, no aguçamento da sensibilidade que intrumentaliza para a apreciação, no desenvolvimento da imaginação, em ensinar a sentir, em ensinar a ver como se ensina a ler, na formação menos de artistas do que de apreciadores da arte.” (1982, p. 11)

No entanto, neste mesmo documento que enfatiza a liberdade e a criatividade, o que percebemos é que muitas vezes quando ocorre a educação artística (porque sabemos que apesar de obrigatória é ainda pouco realizada, quer seja pela falta de materiais, profissionais adequados, visão da coordenação pedagógica ou orientação) se fixa na profissionalização e na técnica.

“Assim, o reconhecimento do valor da educação pela arte ganhará uma nova dimensão: fundamentar-se-á numa visão metodológica e instrumental que permita a concretização dos objetivos a que ela se propõe. A qualidade de um desempenho está profundamente relacionada à formação do aluno, como pessoa, e aquilo que ele fará, posteriormente, como profissional.” (id. Ibid. p. 49)

Além disso, partir da Lei nº 5692/71, só as pessoas habilitadas pelos Cursos de Licenciatura Curta (mais tarde Plena), poderiam ser contratadas ou prestar concurso para

assumir a área de Educação Artística. Tais cursos visavam à polivalência em arte. Colocavam no mercado de trabalho profissionais totalmente distanciados da arte e da prática educacional.

“os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em "meras atividades artísticas". Desde a sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da Lei, ou seja, o Parecer nº 540/77: "não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses"”. (FUSARI e FERRAZ, 1992, p.37 - 38).

Porém, este documento, apesar de suas falhas, é extremamente importante, já que representa um diferencial vindo do Ministério da Educação e Cultura.

Em paralelo, outros movimentos buscaram e continuam a repensar a educação através da arte e, muitos deles, surgem ou se organizam fora do ambiente escolar. Fusari e Ferraz enfatizam o surgimento do movimento de arte-educação:

“No final da década de 70, constitui-se no Brasil o movimento Arte-Educação. Esse modo de conceber o ensino da Arte vem propondo uma ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno. O principal propósito da Arte-Educação pode ser percebido nas palavras da professora Noêmia Varela (1988, p.2): “O espaço da arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito mais ampla, em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividade, conteúdos e pesquisa de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para as atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sentido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não-formal da educação. Sob esse ponto de vista, o arte-educador poderia exercer um papel de agente transformador na escola e na sociedade.” (1992, p.16 – 17)

Com esta inserção das práticas culturais espera-se incitar que todos, alunos, pais, comunidade e professores, adotem um currículo multicultural que identifique os elementos significativos e os redimensionem:

“as pessoas vêm para um encontro com produções simbólicas já sabendo certas coisas e com preocupações e questões importantes para suas vidas, a tarefa do/a trabalhador/a cultural consiste em envolver essas pessoas de modo a provocar o questionamento e a contestação de suas atuais visões da “forma como as coisas são e deveriam ser””. (SILVA, 1995, p.79)

3. EDUCAÇÃO TRADICIONAL E OUTRAS ALTERNATIVAS PARA EDUCAÇÃO

Neste projeto serão avaliadas a pedagogia Tradicional, Renovada, Liberal Tecnicista, a partir do “Parâmetros Curriculares Nacionais”, além da Construtivista por Fusari e Ferraz.

3.1. Pedagogia Tradicional

A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria.

“A metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição oral dos conteúdos, numa seqüência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos”. (PCN, 1997, p.30)

Fica claro nesta metodologia que a função primordial da escola é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, porque o objetivo final é o aspecto profissional, conseguir uma profissão que dê sucesso financeiro e reconhecimento.

Na sua grande maioria, os conteúdos e valores sociais permaneceram os mesmo apesar dos anos, como verdades totais, sem preocupação com o aluno, seus interesses e pensamentos. Por um método de ensino que burocratiza o ensino, o professor ser visto como uma autoridade máxima, dono do conteúdo e forma de ensino, muitas vezes para o aluno, o que é transmitido não há qualquer significação, ele apenas absorve e faz a prova da maneira que lhe foi ensinado.

Em muitos casos, o modelo tradicional confirma estar sendo reformulado, pela inserção de abordagem de novos conteúdos e utilização de apetrechos tecnológicos. Porém o que se revela é ainda um grande traço do conservadorismo com o esquema “professor (transmitir) -> aluno (absorver), avaliações que tem como principal objetivo saber quanto conhecimento o aluno foi capaz de “gravar” e como fim em preparar alunos para o exame de vestibular.

3.2. Pedagogia Renovada

“A “pedagogia renovada” é uma concepção que inclui várias correntes que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa. Tais correntes, embora admitam divergências, assumem um mesmo princípio norteador de valorização do indivíduo como ser livre, ativo e social. O centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno, como ser ativo e curioso”. (PCN, 1997, p.31)

Neste modelo o mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem. Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que a aprendizagem parte do interesse dos alunos, que, por sua vez, aprendem fundamentalmente pela experiência, pelo que descobrem por si mesmos.

“O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno”. (PCN, 1997, p.31). Fusari e Ferraz formulam que a Escola Nova entendia que os conhecimentos eram naturalmente encontrados, eram obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade. Esta corrente é, portanto, mais centrada no desenvolvimento do aluno, vê no professor o canal facilitador deste processo, porém apesar da semelhança em alguns pontos à construtivista tem suas peculiaridades, abaixo será desenvolvido a cerca desta outra corrente.

3.3. Pedagogia Liberal Tecnicista

A Pedagogia Liberal Tecnicista aparece nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e é introduzida no Brasil entre 1960 e 1970. Nessa concepção, o homem é considerado um produto do meio. É uma consequência das forças existentes em seu ambiente. A consciência do homem é formada nas relações acidentais que ele estabelece com o meio ou controlada cientificamente através da educação.

Essa prática pedagógica é controlada e dirigida pelo professor, porém diferente da tradicional, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes. A tecnologia é vista como mais importante, o professor não é desvalorizado, no entanto, é um especialista na aplicação de manuais, com suas funções, ou qualquer aspecto criativo limitado a técnica utilizada. A função do aluno é reduzida a um indivíduo que reage aos estímulos de forma a corresponder às respostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar. Visto como uma máquina, seu processo particular não é considerado e a atenção que recebe é para ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa. “Essa orientação foi dada para as escolas pelos organismos oficiais durante os anos 60, e até hoje está presente em muitos materiais didáticos com caráter estritamente técnico e instrumental” (PCN, 1997, p.31).

A pedagogia tecnicista com sua supervalorização da tecnologia acabou por revestir o colégio da auto-suficiência para alunos, comunidade, pais e professores. O aprender é visto como dependência de técnicas e especialistas e não mais do ser-humano. Esta não preocupação dos profissionais com o entender e criar dos alunos, assim como com o processo de aprendizagem, possibilita uma educação deficitária e mecânica, pouco rica em pesquisas para desenvolver o conteúdo.

3.4. Pedagogia Construtivista

“A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte do fato óbvio de que a escola torna acessíveis aos seus alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não só o âmbito cognitivo; a educação é motor para o desenvolvimento, considerado globalmente, e isso também supõe incluir as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e motoras. Ela também parte de um consenso já bastante arraigado em relação ao caráter ativo da aprendizagem, o que leva a aceitar que esta é fruto de uma construção pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende; os outros significativos, os agentes culturais, são peças imprescindíveis para essa construção pessoal”. (COLL, 1998, p.19)

Esta concepção de pedagogia vê o educando como capaz de elaborar reproduções pessoais de acordo com suas idéias e ambiente que o cerca. O professor age como mediador, de maneira cooperativa, realizando debate entre os alunos sobre suas visões, sugerindo pistas para pensar, devolvendo uma avaliação do seu próprio progresso. A diferença principal entre esta e a Escola Nova se deve ao fato de que a Nova esteve muito mais ligada ao nível das intenções, enquanto a Construtivista projetou metodologias próprias visando a construção do conhecimento. Porém os professores devem tomar certo cuidado em como entendem e promovem o ensino construtivista, muitos utilizam do falso entendimento da metodologia e se revelam despreparados profissionalmente.

Todas as correntes aqui analisadas, e suas possíveis vertentes, mostram o porquê de sua metodologia, difícil opinar qual seria a mais correta diante do atual modelo econômico que vivemos. O ideal seria complementar os interesses, rever as propostas destas pedagogias e desenvolver uma alternativa. Neste presente projeto apenas serão delineadas diretrizes que visem o ser-humano e o processo crítico-criativo.

4. ESTUDOS DE CASO

4.1. C.C.P.E – Centro de Criatividade Pró-Ensino

“CCPE é um Centro de Actividades Culturais e Educativas para todas as idades localizado no Bairro Alto. Um projecto que visa estabelecer uma ponte relacional e de intercomunicação entre o ensino/aprendizagem e a criatividade, importando todas as competências que a arte proporciona e desenvolve no indivíduo. Pretende-se, assim, dar a conhecer ao aluno as mais valias que a arte proporciona e o modo como essas poderão influenciar produtiva e construtivamente as áreas escolares e humanas.

Nesse sentido, o CCPE está dotado de um leque de serviços respeitantes a ambas as áreas - artística e escolar - e oferece um espaço de convívio comum ao Conhecimento e à Arte.

Defendemos o conceito da aprendizagem através da arte/cultura/processo criativo. O carácter criativo é intrínseco à natureza do Homem, um ser inventivo que se adapta, contorna e reinventa a sua própria condição humana e o ambiente que o rodeia. Considerando a competência criativa enquanto músculo, o processo criativo é o ginásio onde se estimula a rapidez de raciocínio e a facilidade para se encontrar soluções e alternativas para responder face ao Problema.” (Centro de Criatividade Pró-Ensino)

A visita e o acompanhamento do CCPE foram possíveis através do contato com Susana Moura, na entrevista foi explicado o surgimento e trabalho dos profissionais. Acontecem apenas no Centro e com horários fixos semanais.

O CCPE surgiu através de uma vontade interna dos diretores, são educadores e o próprio filho estuda no CCPE, além da não concordância com alguns sistemas de educação. Inicialmente promoveram o projeto por internet, workshops, oficinas. A partir disto estão sempre modificando e ampliando seus serviços, hoje contam com música, instrumentos musicais, canto, formação musical, artes e letras, escrita, dança, teatro, belas artes, línguas e seus desdobramentos.

Há duas áreas, escolar e artística, com aulas individuais e em grupo de no máximo 5 (cinco), devido ao ritmo e individualidade. Acontecem uma vez por semana, como

adicional ao trabalho escolar de outras instituições, porque não são colégios e sim outra ferramenta. Esperam proporcionar o acesso através de baixo custo dos cursos.

O trabalho é desenvolvido em relação à disciplina que tem dificuldade, realizam jogos e brincadeiras, sem avaliação, apenas relatório interno. No final do ano letivo apresentam um trabalho individual e outra apresentação em junção com todas as áreas, para ver como funciona o todo através de várias linguagens.

Uma forma de desenvolvimento acompanhada foi o Clube de Leitura:

Técnicas de teatro, vocais, expressivas, leitura de textos por formas diferentes, com proposta de criação de personagens, todos em círculo representavam o texto. A partir deste exercício podia ser notado a forma de ler, interpretação de texto, apresentação em grupo e desenvolvimento da expressão corporal e criatividade. Os alunos pareciam sempre bem a vontade para as aulas, tinha um tom mais de liberdade, porém sem perder o respeito. Faziam os exercícios, ajudavam os colegas que não conseguiam, os pais pareciam interessados no trabalho e tinham breves conversas após as aulas.

4.2 C.E.M – Centro em Movimento

“O c.e.m. – centro em movimento é uma estrutura artística transdisciplinar que desenvolve, desde os anos 90, trabalho contínuo nas áreas da Formação, Investigação e Criação Artística, Comunidade e Networking a nível nacional e internacional.

Sediada actualmente no coração de Lisboa, Baixa Pombalina, tem vindo a criar ligações fortes com as pessoas e lugares que atravessa diariamente.

A riqueza do cruzamento entre tipos de conhecimento como a Arte, Ciência e Filosofia abre novos campos de trabalho que nos permitem abrir o espectro de acção para além da criação e circulação de produtos artísticos.

Trabalhar com pessoas, com espaços (des)habitados, requer um novo conceito de intervenção que implica continuidade e investigação permanente. Implica por certo o compromisso de "estar lá", de acompanhar todo o processo desde a sua concepção, à implementação, realização e eco. O trabalho do c.e.m. – centro em movimento inscreve-se assim numa área que nutre a qualidade de existência do

indivíduo, a sua relação com o meio envolvente, e a sua capacidade de reflexão e acção perante a realidade que ajuda a construir.

Em Junho de 2008, na sequência do trabalho na Oficina "O Corpo" com duas turmas do 2º Ciclo da Escola Secundária Passos Manuel (com cada uma foram trabalhadas cinco sessões), o c.e.m. e a escola propuseram-se iniciar uma colaboração em continuidade que trabalhasse diferentes matérias de diferentes disciplinas em articulação. Como tal, propusemos a integração do nosso trabalho de corpo no interior dos conteúdos curriculares e apresentámos uma proposta de formação artística contínua para duas turmas do 2º ciclo (5ºA e 6ºC) a desenrolar-se no ano lectivo de 2008-2009. Esta proposta do c.e.m. está integrada no PFAC - Projecto de Formação Artística Contínua, que o CENTA - Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas (uma estrutura parceira do c.e.m) desenvolve junto do 1º ciclo desde o ano lectivo de 2003-2004.

O seu propósito é contribuir para o enriquecimento e sucesso dos processos de ensino/aprendizagem e para uma prática actual e de qualidade da educação artística na escola, utilizando essencialmente o Movimento e o Corpo e a exploração de materiais.

Em Lisboa, na colaboração do c.e.m com a Escola Secundária com 2º e 3º Ciclo Passos Manuel, o PFAC iniciou-se em Outubro de 2008. Estabelecemos um horário de trabalho de uma sessão de 90 minutos com cada turma por semana (uma turma de 5ºano e uma turma de 6ºano), alternando as disciplinas e os professores envolvidos." (Centro em Movimento)

A entrevista com Joana Louçã ocorreu após o envio de um email ao C.E.M, Joana me recebeu e pode revelar um pouco mais do trabalho desenvolvido. Como apresenta a descrição acima, não é um colégio e sim um espaço que desenvolve um projeto com colégios. No entanto, os professores foram os solicitadores da ação e trabalham todo tempo em conjunto.

A partir do momento que há alguma deficiência em determinada disciplina, a equipe do C.E.M é acionada para desenvolver uma atividade no espaço escolar, há ainda a possibilidade de ocorrência no espaço do C.E.M, mas mediante autorização dos pais.

Inicialmente foram desenvolvidos workshops "O Corpo" e em cada sessão era um sistema diferenciado, a partir das disciplinas como Ciências da Natureza, EVT (designer ou artes), língua portuguesa, matemática, educação física, a proposta se dava com exploração de materiais gráficos e plásticos. Os professores gostaram do trabalho e chamaram outros educadores, possibilitando fazer de uma forma contínua e com as outras disciplinas.

Hoje as turmas do 5º e 6º ano de colégios determinados contam com intervenção uma vez por semana.

Algumas formas como foram desenvolvidos em relação a disciplinas:

Língua portuguesa – Desenvolveram a partir de um conto de Ulisses, discutiram como seria Ulisses no dia a dia, em círculo adicionaram experiências cotidianas e depois todos fizeram um conto coletivo.

Matemática - Misturaram os conceitos da matemática junto às ciências da natureza, os professores deram as coordenadas do que pretendiam, com relação ao espaço, formação de planos, percurso com enigmas. Formando um grande jogo interativo.

Ao final de cada trimestre, há a reunião com professores, psicóloga e um relatório. E uma exposição do trabalho final.

Como balanço geral, Joana Louçã revelou que a relação entre as crianças melhorou, eram mais violentos e puderam descarregar sua energia em jogos e atividades lúdicas. Além da expansão para 7º, 8º e 9º ano.

4.3 Colégio Curso Ponto de Ensino

O colégio ponto de ensino não possui um site para a educação infantil e sim, pequena descrição no site sobre seu conceito pedagógico.

“Objetivos:

1- Oferecer um cotidiano diversificado de aprendizagem, com o objetivo de desenvolver as habilidades, a afetividade e o pensamento autônomo, em um ambiente adequado e com profissionais qualificados para acompanhar a criança neste processo de crescimento e descobertas, tornando-o um participante ativo na construção de seu conhecimento.

2- Desenvolver um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores adequados a cada idade.

Semi Integral e Integral (Educação Infantil e Ensino Fundamental)

Os alunos do integral têm a oportunidade de estar um tempo maior dentro da escola. Para isso é importante a elaboração de atividades diversificadas e envolventes.

O Nosso objetivo é promover neste aluno o desenvolvimento da autonomia e dos valores humanos. Contamos com atividades de Educação Alimentar, Jardinagem, Oficinas de criação, pintura e modelagem, baseadas no desenvolvimento pedagógico das crianças, assim como o estímulo adequado para as competências e habilidades necessárias para seu desenvolvimento global. Os alunos de Ensino Fundamental tem na sua carga horária a complementação pedagógica (Estudo dirigido), para a realização das atividades propostas pela escolaridade formal e a formação de hábitos de estudos.” (Colégio Curso Ponto de Ensino)

Entrevista com Renata, coordenadora da Educação Infantil do Colégio Ponto de Ensino.

"e a gente sabe que quando chega a um pré-vestibular, o pré-vestibular não é construtivista, não é nada disso, ele é tradicional" (Renata, coordenadora da educação infantil do colégio Ponto de Ensino)

A rede ponto de ensino iniciou como curso-preparatório e depois se tornou colégio. Então a preocupação é voltada para o vestibular. Apesar da “divergência” com o universo infantil, o relacionamento é bem estreito. A coordenadora afirma que o Ponto de Ensino ainda está se adequando a nova realidade, e relata que no 1º ao 5º ano, há a rotina de provas de duas vezes na semana, para criar na criança a rotina de estudo.

A proposta de educação infantil surgiu da diretora e psicóloga da escola, Cristiane, uma das sócias, para modificar a visão e formação das crianças desde pequenas. O ponto de ensino infantil se denomina Sócio-interacionista.

O colégio acredita que, se criar na criança, o pensar, a crítica, construir desde pequeno um raciocínio lógico e um pensamento em que ele constrói, ao chegar no ensino fundamental, mesmo que tenha que se adaptar a lógica do sistema, irá ter uma cabeça

diferente. Portanto a proposta do ponto de ensino só se efetiva se o aluno acompanhar todas as séries propostas.

Os profissionais foram escolhidos através de provas, conversas, são professores novos, com poucos trabalhos anteriores.

São no máximo 15 alunos por turma, duas turmas de cada por turno, aulas dadas em roda. Isto para haver uma percepção maior sobre como eles estão interagindo, se o tema é atraente, como se portam com os outros alunos e individualmente. Avaliações trimestrais, trabalhos em grupo, porém também todos os dias. Não há notas, provas.

Horário de funcionamento atende a alunos da manhã, tarde e integral. No integral há um horário mais livre, após a escolaridade, um projeto com oficinas de construções, histórias, trabalhando conceitos a partir da dificuldade dos alunos.

Se houver falta de atenção de um aluno com um tema?

Tentam abordar o tema de várias formas e linguagens, Música, Sala de Fantoche, Sala de Corpo (através do movimento), História, Pintura, Vídeo e em algum crêem que o aluno irá se interessar.

Há área de estimulação na escola, espaço aberto, Sala de Corpo, Sala de Arte, Sala de Vídeo. Farão uma biblioteca, uma brinquedoteca, para que possam sempre estar em contato e utilizando o espaço da melhor forma individualmente ou em grupo.

Criam relatório trimestral para mostrar aos pais, individualmente com a professora, explicitando como o aluno está se relacionando com a escola, alunos, professores. Se houver necessidade do pai de saber mais sobre o relatório, pode haver uma segunda marcação.

O colégio trabalha com projetos:

O aluno é visto como atuante principal, preocupando-se com o que o aluno pode estar incorporando a eles, propõe aos pais antes a temática.

Todo conteúdo é relacionado a um tema, este ano os projetos são de acordo com um tema da UNESCO, modificado para atender a linguagem infantil.

Tema: Oito jeitos de mudar o mundo.

Qual é o mundo para o universo infantil? Pais, animais, bairro, brincadeiras. Atendem ao tema a partir deste conteúdo.

Projeto leitura – As ciranda de livros são levadas aos pais, que lêem em primeiro momento em casa. Depois na escola questionam como foi o primeiro momento da leitura e as crianças maiores contam a história pros menores, através do teatro, releitura ou leitura mesmo.

Festa literária para a família – Baseada em histórias que eles estavam vivendo nos projetos, recontaram a história de forma diferente para a família e produziram através de materiais reaproveitáveis.

Há exposição, produção com as crianças sobre os trabalhos que eles fizeram no projeto para os pais. Os alunos participam desde o momento da criação do material até a produção para o dia da exposição. Quando pais não podem participar destas atividades, principalmente pais dos alunos de integral, podem acompanhar os trabalhos através dos murais do colégio e exposição externa.

Houve poucas visitas para que eu pudesse chegar a um diagnóstico de observadora, como são muito pequenos e não há muitas séries, creio que rapidamente estão no Ponto de Ensino tradicional, estudando de maneira tradicional.

4.4. Escola Pólen

“Nossa Missão

Formar hábitos e atitudes, socializando e preparando nossas crianças para um excelente desempenho na vida adulta.

Nosso Objetivo

Criar homens capazes de fazer coisas novas, homens **CRIATIVOS, INVENTIVOS e DESCOBRIDORES.**

Desenvolver integralmente a criança: atenção ao desempenho cognitivo (Inteligência) e ao relacionamento das crianças entre si e com os professores (Afetividade).

Nossa Meta

Superar as expectativas de nossos clientes com um alto padrão de qualidade.

Método

Nossa estrutura didático-pedagógica baseia-se na Teoria do Desenvolvimento de Jean Piaget (Epistemologia Genética).

Numa metodologia baseada nos princípios “ piagetianos ” do desenvolvimento, muita coisa acontece.

- nossas crianças são estimuladas a **raciocinar** e não, simplesmente, adestradas e treinadas;

- elas descobrem e concluem todos os conteúdos a partir de desafios e situações-problema criados pelo professor e a cada descoberta ou conclusão adquirem um esquema que permitirá novas descobertas e, assim, indefinidamente.

- o estágio do desenvolvimento em que se encontra a criança é que determina como serão apresentadas as situações, pois, em cada etapa do desenvolvimento, a criança tem uma forma própria de assimilar o que experimenta / vive.

- a criança estará sempre em seu verdadeiro grupo de desenvolvimento sem importar idade cronológica ou término de período letivo.

- o que determinará sua mudança de nível será seu próprio desenvolvimento.

E O QUE SIGNIFICA TUDO ISTO?

O mais completo e eficaz **CRESCIMENTO** em todas as áreas: cognitiva, emocional, afetiva e social, e o mais absoluto **RESPEITO** ao indivíduo”.
(Colégio Polén)

Entrevista com Vivien Santa Maria uma das fundadoras do colégio Polén, há 32 anos no mesmo endereço.

Foi formada por alunas do curso de psicologia, que estavam trabalhando com deficientes mentais e estudando a filosofia de Piaget na Universidade. Por isso toda a filosofia do colégio é cunhada nos princípios de Piaget.

Atende até a correspondente 4º série, a diretora acredita que o colégio não tem como atender a mais séries, por isso, prefere fazer um bom trabalho com poucos envolvidos.

As disciplinas são as mesmas dos tradicionais, porém o tratamento é diferenciado. São pautados na compreensão de que o aluno chegará ao entendimento, também com os elementos fornecidos por sua vivência e pelos profissionais, os professores são coordenadores do conhecimento.

Exemplo: Na disciplina de português os professores pedem que encontrem em jornais e revistas, palavras com "n" antes de "p" e "b". Não importa o tempo que demore, todos os alunos devem por si próprios perceber que não existem.

As aulas têm duração de oito horas, até por saberem que muitos alunos demoram a chegar a certos entendimentos. Mas com duração de 1 hora cada e intercaladas, não são empregadas apostilas e nem livros, os conteúdos são dramatizados para que possam ser compreendidos com próprios pensamentos. A problemática de livros e apostilas é o "gravar", comum em escolas tradicionais.

Os alunos ficam dispostos em rodas, há trabalhos em grupo, e utilizam quaisquer materiais que possam ser interessantes para promover o conhecimento. Trabalham bastante com materiais recicláveis e no final dos períodos expõem. Há inserção de práticas culturais em aula, as crianças do 1º ano trabalham com música, e as do 2º aprendem os encontros vocálicos com dramatizações.

"Como o próprio nome diz, no construtivismo, a criança constrói o conhecimento. Crianças menores desenvolvem melhor o pensamento abstrato quando trabalham primeiro o conhecimento concreto". Professora Bertha do Valle

As avaliações ocorrem através de uma observação de todos os dias, além de uma nota a partir de um trabalho. Os alunos não sabem quando estão sendo avaliados e são para compor um currículo. Os pais recebem relatórios e contam com reuniões particulares sobre o desenvolvimento de seus filhos.

Após completarem o ciclo no colégio são instruídos, no último ano, as nomeações das regras gramaticais dos colégios tradicionais.

Exemplo: Por descobrirem em aula os conteúdos, não aprendem os nomes das regras. Reconhecem as regras gramaticais, no entanto, sem nomeações, aprendem porque sairão para um tradicional onde tem provas e regras.

Depois de anos, mantém contato com seus ex-alunos e muitos matricularam seus filhos no colégio.

Além disto, foi possível através de emails de alunos, saber mais informações sobre o que foi o sistema de ensino para eles e desdobramento em suas vidas. Nos anexos, seguirão algumas entrevistas.

4.5 Colégio Miraflores

“Em 34 anos de trabalho dedicado à qualidade na Educação Infantil (da creche à Classe de Alfabetização) e Ensino Fundamental, o Centro Educacional Miraflores - Unidades Barra e Laranjeiras -, tem como meta o desenvolvimento das múltiplas potencialidades dos seus alunos, de forma plena e saudável. Essa meta faz com que o Miraflores ocupe um dos primeiros lugares na adoção da Teoria Construtivista, colocando-o em situação de pioneirismo no uso da Informática Educacional e da Língua Inglesa, através da Pré-Escola e do Ensino Fundamental Bilíngüe.

Aceitando o grande desafio de demonstrar que é possível aliar as mais recentes inovações tecnológicas às mais modernas concepções pedagógicas, permite aos seus alunos e profissionais a busca constante do pensamento para a criação e para o aprender, numa perspectiva crítica construtivista, por meio das diversas formas de expressão existentes.

Desta forma, pretendemos que a passagem da criança pelo Miraflores, respeitando-se sua individualidade, permita-lhe:

- o desenvolvimento de suas potencialidades;
- o despertar do raciocínio;
- a formação do auto conceito positivo;
- o uso da criatividade;
- a preparação para o diálogo;
- a formação de um grupo social;
- o desenvolvimento da capacidade de criticar e ser criticado;
- a competição em atividades grupais;
- o exercício da escolha.” (Colégio Miraflores)

Meu diagnóstico no Miraflores foi difícil. Primeiro tentei entrar em contato com coordenação, que me passou a psicologia, porém sempre estavam muito ocupados para receber. No entanto consegui outros dados através de uma ex-estagiária, um antigo aluno e mãe de ex-alunas.

A entrevista inicial foi com Marianna Carelli, trabalhava junto a pré-escola. O Miraflores é um colégio construtivista, que vai até o primeiro ciclo do ensino fundamental, a primeira informação foi em relação ao nível econômico das crianças que estudam na instituição: são crianças com uma renda familiar alta, com alto poder aquisitivo. Como se trata também de uma escola inclusiva, com crianças portadoras de diversas deficiências, o fator que impediria a entrada de um aluno inclusivo na escola seria a não-participação da família.

Para tal, a escola promove um período em que os pais poderão conhecer ativamente esta questão da escola enquanto um lugar desconhecido: por durante quinze dias, eles podem permanecer na instituição, observando o dia-a-dia dos seus filhos, assim como dos profissionais que cuidam deles. A família passa por uma anamnese psicológica a fim de colher informações sobre a criança e a história familiar, porém não sabe se há um diálogo em que a psicóloga pergunte sobre como o/a pai/mãe espera que seja a sua adaptação à nova escola, além da de seu filho.

A escola parece estar sempre em contato com a família, principalmente com as famílias das crianças que necessitem de algum acompanhamento externo (crianças com necessidades especiais, com questões comportamentais ou emocionais – TDAH, psicoses, neuroses, desvios comportamentais...).

As crianças são tratadas de mesma maneira pelos profissionais, independente das necessidades, mesma turma e tratamento. Um exemplo citado foi, “um dia uma aluna com síndrome de down me mordeu, a professora a repreendeu como faria com outro aluno”.

Com relação aos seus projetos, o Miraflores preocupa-se com a liberdade, e o aprender brincando, unem em seu processo pedagógico práticas culturais como teatro, música, além de contato com plantas, animais, esportes, informática.

Marianna sentia que os alunos tinham sim um ambiente inclusivo, de ênfase a formação com fundamento na interação, na criatividade e no desenvolvimento do pensar.

Os outros dois entrevistados foram o ex-aluno, Adriano Fernandes e Ester Cristina Zomer, mãe de ex-alunas.

Adriano Fernandes escreveu:

“Quanto ao colégio Miraflores gostaria de dizer que se trata de uma escola excepcional, maravilhosa! Passei o começo da minha infância ali naquela escola e até hoje me lembro das "Tias" e dos colegas.

Fiz o jardim de infância, e salvo me engano, a pré-alfabetização na Escola. Nunca tive dificuldade com o método de ensino e posso descrever que a escola tinha espaços totalmente adaptados à condição da criança, os banheiros, o refeitório, os parquinhos... Sair da escola foi muito ruim! Fui para o Colégio Sion que tinha um ritmo totalmente distinto, uma disciplina rigorosíssima, estudos de francês, inglês, religião, artes, etc. Tive muitas dificuldades ao mudar para o Colégio Sion (ali do Cosme Velho).

Eu hoje, com certeza colocaria meus filhos no Colégio Miraflores! E confesso que o caráter, a honra, a formação cultural, e o sucesso profissional de um homem, se devem às sementinhas plantadas na sua mente ainda quando criança. A vontade de vencer, o espírito de ajudar o próximo, o sentimento de independência, o desejo de estudar para ser alguém na vida, se devem basicamente ao empenho daqueles que passaram pela infância da criança.

Hoje sou formado em Direito, especialista e mestre (e estou seguindo para o doutorado). Tenho orgulho em ser professor do ensino superior, e atribuo essa gana, essa vontade, essa dedicação ao magistério exatamente à todos (as) aqueles (las) que algum dia passaram pela minha vida como professores (as).”

Ester Zomer escreveu sobre suas filhas que estudaram no Miraflores:

“Bom , minhas filhas de 2 e 5 anos é que passaram pelo MIRAFLORES. As duas entraram com 1 ano e 4 meses em período semi-integral.

A questão pedagógica do Miraflores é muito comprometida com a realidade em que vivemos, destaca valores fundamentais para a vida, preza pela cidadania, coletividade.

A criança está sempre inserida no contexto educacional e social. Sentimos muito ao deixar o colégio, foi muito difícil achar outra escola que fosse parecida. A escola faz um trabalho todo diferenciado, Lara (5 anos) ainda fala do Miraflores e quer voltar, pois o período em que ficou por lá foi altamente marcante .

No Miraflores, criança é criança, todo o conhecimento é construído de forma tão lúdica que a assimilação é tranquila. Senti que teve uma regressão de conhecimentos na escola para qual foi neste ano. Uma escola particular com ótima estrutura, mas que não tem preocupação com a formação da criança.”

Gostaria de ter visitado o Miraflores e poder tirar minhas próprias conclusões a respeito, no entanto, pelo que foi passado e reforçado por envolvidos ao colégio creio que segue e tenta desenvolver a proposta inclusiva a que se propõe.

4.6 Colégios Municipais e o Espaço Cultural Camarim das Artes

O Espaço Cultural Camarim das Artes, local em que trabalho, há pouco tempo foi contemplado com o patrocínio ao seu projeto de oficinas musicais para estudantes da rede pública de ensino. Neste meio tempo, pude observar como foi o desenvolvimento do projeto, contato com as coordenações, com os alunos e dois meses do projeto.

Educação musical era para ser obrigatoriedade, porém apenas em lei. Os colégios não tem preparo profissional, nem de instrumentos para promover estas atividades.

As coordenações foram bem solícitas quanto ao recebimento de nossos profissionais, apresentamos o projeto e a nossa única prerrogativa é que o aluno tenha e continue com um bom desenvolvimento curricular. Fomos de sala em sala conversando sobre o projeto, os alunos se entusiasmaram e, rapidamente, seus pais estavam em nosso Espaço.

No momento contamos com 140 alunos, as aulas são práticas e teóricas, porém sem vínculo com as disciplinas dadas em sala de aula. No entanto, ainda sim, sentimos o

diferencial logo nas primeiras semanas, a prática artística estava os animando, além do fato de saberem que estavam ali por causa do vínculo educacional.

Os alunos também tem acesso aos eventos propostos pelo Espaço Cultural e de seus parceiros, como o SESI. O projeto com duração de 1(um) ano pretende fomentar a arte, o estímulo as práticas culturais, sociabilidade e auto-estima.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia permitiu compreender um pouco mais do contexto educacional no qual vivemos hoje em dia, que se encontram entre o modelo tradicional e as outras práticas que tentam se diferenciar. Porém, o que percebemos, após a pesquisa de campo, é que parecem ter sempre como fim o modelo tradicional. Isto tudo porque o sistema capitalista pede os mais capacitados ao vestibular, aqueles que seguem o formato das provas impostas, que “sabem” e “conhecem” as maneiras de se responder as questões formuladas. Muitas vezes não importa se você sabe o cerne da questão, se é um gênio em matemática, nada entende de biologia e quer ser um professor de geometria. Sempre existirão as perguntas “impossíveis”, e tudo, porque sabemos que nossas universidades não são capacitadas a receber todos os estudantes e para tanto, deve haver um nivelamento.

Não prosseguiremos aqui em discussão sobre a educação no Brasil e sim, apontaremos diretrizes pensando em trazer o questionamento e desejo de mudar aos nossos futuros cidadãos. Visão de seres mais críticos, argumentadores, responsáveis e preocupados com o futuro de nosso país. Aqueles que sim, podem iniciar a discussão do nosso modelo educacional e possibilidades de mudança.

A base teórica e a pesquisa, aqui delineadas, procuraram obter um paralelo entre nosso modelo educacional atual e as práticas diferenciadas. O que buscam e estão proporcionando àqueles que podem usufruir. Ficou mais claro, devido as pesquisas, que pode haver sim diferença para aqueles alunos inseridos inicialmente nestas práticas, principalmente em relação ao desenvolvimento do espírito crítico e a criatividade. Não é possível dizer que é unânime, mas existente.

Com relação aos profissionais foi possível também, perceber a importância de se priorizar o processo, construção do conhecimento e de argumentação capaz de controlar os resultados, o desenvolvimento do espírito crítico para favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas. Além disso, ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e, sobretudo, do trabalho coletivo. Desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe. No entanto, para estruturação da intervenção na educação é fundamental distinguir o modo como conceber isto. É ideal determinar o que o aluno pode fazer sozinho em uma situação determinada, sem a ajuda de ninguém e o que pode fazer mediante interação com outras pessoas, através da observação, imitação, troca de idéias, debate com o professor. Assim haver a intervenção de ambos no processo de aprendizagem, preocupando-se com os meios e o tempo para realização de cada aluno.

Outro ponto, talvez até mais importante, provém da escolha destes profissionais. Se forem capacitados saberão como trabalhar junto às disciplinas e alunos. Em relação a isso, Libâneo entende que o problema decorre da didática, “Entendo que a didática é um prolongamento natural da pedagogia, pois especifica os problemas educativos num quadro estritamente disciplinar, já que a pedagogia não se restringe ao âmbito escolar.” (2002, p.35) Crê que através da didática teremos profissionais pensantes, pois não há como querer alunos pensantes, sem investir também nos professores.

“ajudar os professores a formarem esquemas mentais de interpretação da realidade, eu chamaria isso de saber lidar praticamente com conceitos, aprender a argumentar, a raciocinar logicamente, concatenar idéias. Um tema conexo ao ensino do pensar é a *interdisciplinaridade*.” (LIBÂNEO, 2002, p.38)

E por que através da interdisciplinaridade? o interesse aumenta quando envolvemos e valorizamos os elementos que compõem a vida do educando, mesclando-os com o projeto pedagógico, pois são objetos culturais que fazem parte do contexto social e, em sua maioria, das suas afinidades. Os jogos, artes e atividades culturais despertam a criatividade e o interesse em realizar, não só por um aumento da liberdade que estes trabalham provocam, mas pelo não compromisso com “certo ou errado”. É possível e notório o maior envolvimento de crianças em atividades que envolvem brinquedos, práticas artístico-culturais e jogos do seu cotidiano.

As avaliações também devem ser revistas, provas que exigem a simples assimilação de conhecimentos, em que o aluno mais inteligente é denominado por aquele que tem mais capacidade de “gravar”, não deve ser o principal objetivo de um professor. Avaliar apresenta uma forma de percepção da afinidade do aluno com tal tema e se está sendo a melhor forma de tratamento, porém deve ser feita em de acordo com a participação do aluno no conteúdo, na capacidade de desdobrar a temática, criticar e conversar sobre tal disciplina. Uma forma de fazer isto seria com trabalhos em aula, de liberdade criativa e de vários pontos das aulas, para que tudo que é trabalhado em curso seja aproveitado por todos os alunos. Uma avaliação contínua permite que o professor saiba, junto aos alunos, em qual ponto priorizar, reforçar e debater.

Por fim, não só os profissionais devem repensar sua forma de trabalhar e entender a educação, todos os envolvidos devem constituir suas próprias escolhas, e principalmente, ter sensibilidade crítica para poder relativizar a realidade, não acostumar a tudo ou aceitar, buscar um choque a ordem estabelecida. Não apenas sentir a falha no sistema de ensino, mas querer mudá-la. As diretrizes abaixo procuram permear o pensamento dos profissionais, estudantes, pais, comunidade local, etc.

5.1. Diretrizes:

5.1.1. Dos profissionais e todos os envolvidos ao espaço educacional

- Promover e participar de seminários e discussões a cerca do debate sobre a educação hoje e quais perspectivas para/de futuro;
- Difundir pesquisas e ampliar o diálogo com os interessados pela temática da educação através da perspectiva da diferença, manter o tema em voga, buscar bibliografia especializada;
- Apresentar ao próximo, e quando interessado, textos, autores, intercâmbio de idéias, não fechar a si o conhecimento, compartilhar, atualizar-se;
- Procurar incitar no outro e em si uma reflexão, não criar idéias enrejecidas, fechadas, estar apto a crítica e auto-crítica;
- Buscar, nas práticas existentes e com profissionais da área educacional/cultural, como relacionam as práticas culturais ao currículo;
- Formar um quadro de profissionais capacitados ao trabalho com crianças e jovens, que visem a produção de singularidade;
- Fazer um estudo sistemático sobre a história das práticas artístico-culturais na localidade em que atua, quais aspectos regionais e influência naquela sociedade;
- Obter material vídeo, fotográfico, sonoro de memória local e atual antes de desenvolver atividades curriculares;
- Selecionar artistas e produções preferidos pelos alunos, além dos desconhecidos que possam mobilizar o interesse estético e artístico;

- Priorizar o processo, através das múltiplas possibilidades artísticas, não se fixando a técnicas rígidas ou produto final;
- Conectar atividades culturais, muitas a primeira vista percebidas como brincadeiras, ao plano curricular a fim de despertar nos alunos o interesse não só pelo conteúdo proposto, como também pela arte, a exemplo, estudos de música correlacionado a matemática;
- Promover visitas a espaços de convívio como museus, monumentos, centros de arte e cultura da região, praças, estabelecer contato com os ambientes culturais e sociais, desenvolver parcerias que tragam benefícios a todos;
- Convocar os alunos para realização de atividades artístico-culturais no colégio, buscar desenvolver tudo em conjunto, pensar associado aos gostos dos alunos, idéias dos pais e da comunidade local;
- Estimular as possibilidades de relação social e integração sócio-cultural, e não apenas com o fim em saber a disciplina;
- Obter suportes diferenciados, que ofereçam múltiplas possibilidades de utilização em função das necessidades de cada momento e de cada aluno ou grupo, como vídeos, fotografias, papel, informático, áudio; quanto mais diversos e diversificáveis, mais fácil será a elaboração de propostas singulares;
- Confiar no esforço do aluno e ajudá-los, sugerir pistas para pensar, devolvendo uma avaliação do seu próprio progresso, levando em consideração o ponto pessoal de partida e o processo pelo qual os alunos chegam ao conhecimento;
- Regular o próprio processo de aprendizagem, estar dispostos a comprovar se a meta proposta é cumprida, revisar o que fazem e pensam daquilo que é feito, propor novas formas de realização;

- Encontrar sentido para a atividade de aprendizagem que façam os alunos se sentirem satisfeitos, ordenar e dirigir de maneira apropriada assuntos de sua vida cotidiana, deixá-los ser protagonista da sua ação, através do pensar utilizando seus próprios meios, contextos e situações;
- Propor interações com outros profissionais de diferentes áreas artísticas, convidá-los para aulas, mudar a perspectiva do que é proposto, qual visão de cada aluno sobre o que está sendo desenvolvido;
- Proporcionar situações entre todos, a fim de provocar o compartilhar e confrontar de idéias;
- Buscar aulas com poucos alunos, visando assim reconhecimento de cada um;
- Não fixar a sala de aula, propor carteiras móveis, ocasionar acesso ao material da sala aos alunos e considerar a possibilidade destes de utilizarem os espaços para exposição de seus trabalhos;
- Avaliar de forma contínua, permitindo entender o processo do aluno, integrados ao próprio desenvolvimento do curso, de tal modo que permitam aos alunos emitir dados sobre sua aprendizagem que possam ser processados pelo professor, mediante diálogos, trabalhos pessoais e em equipe;
- Estabelecer formas de participação às atividades em que os alunos contribuam para melhorá-las, trocá-las por outras ou anulá-las, se for o caso;
- Facilitar o intercâmbio de atividades entre os colégios da região, a fim de que os alunos, professores e envolvidos se conheçam.

5.1.2. Dos alunos¹

- Articular diferentes tipos de expressões artísticas, permitindo uma integração com a obra, seus autores e momento de vida atual, não apenas absorver, como participar do que vivencia;
- Recordar, entre todos os que estão na memória, avaliações, juízos ou sentimentos, que merecem determinadas coisas, pessoas, objetos e situações mais relevantes, correlacionando com o que é proposto;
- Mostrar-se disposto a expressar a outros suas idéias ou opiniões, por meio da palavra, do gesto ou de qualquer outro modo possível, tomando consciência sobre elas e deixando que os outros também conheçam e dêem opiniões;
- Colocar se no ponto de vista do outro para interpretar suas idéias, observar comportamentos e posições;
- Formular perguntas para si próprio, argumentar, propor atividades e/ou situações;
- Tomar posições em relação ao que é proposto pelo todo, assim como quando não for do seu agrado;
- Entender suas dificuldades, ampliar para conhecimento de todos para que haja uma contribuição dos envolvidos;
- Trazer a sala de aula situações do cotidiano que mereçam ser desenvolvidas;

¹ Como podem ser muito pequenos, estas diretrizes são para orientar os envolvidos (pais, escola e comunidade) a dar-lhes a liberdade de chegar às diretrizes por si só.

5.1.3. Da comunidade²

- Estabelecer conexão com os colégios da região, saber como funcionam e em que podem estar interferindo;
- Dialogar com os profissionais, propor atividades e dar infra-estrutura necessária no caso de realização de eventos na comunidade;
- Abrir o espaço para receber a produção dos espaços educacionais;
- Facilitar a entrega de materiais, vídeos, fotografias, etc, quando necessário;
- Possuir um acervo das atividades, artistas e produtos culturais realizados na região;
- Investir, não necessariamente com dinheiro, mas com público e intervenções aos trabalhos desenvolvidos na região;
- Criticar, argumentar sobre quaisquer fatores de desagrado, seja em relação ao setor educacional ou não.

5.1.4. Dos pais

- Procurar sobre a metodologia de ensino do colégio que está inserindo seu filho;
- Saber se o colégio realiza o que se propõe;
- Ser presente na vida do seu filho e do processo educacional;
- Tentar compreender quando for diagnosticado algum fator negativo com o desenvolvimento educacional, propor ações em conjunto com os profissionais;

² entender como todos que estão vivendo em um espaço comum, como os moradores, associação de moradores, comerciantes, etc.

- Articular com o colégio, alunos, professores e a comunidade que está inserido, a fim de organizar idéias em conjunto;
- Manter contato com outros pais;
- Ser, principalmente, ativo no processo educacional, buscando indicar atividades, ser curioso e também propor outros suportes para o ensino.

As diretrizes propostas são para auxiliarem todos os envolvidos no processo formativo, não são regras a respeito do que devem ou não fazer. Porém, sim, uma maneira de manter em debate a questão educacional, cabe a todos aqueles que gostariam de modificar as estruturas se articularem e mobilizarem.

Para finalizar, estimular e/ou continuar a reflexão, por Guattari e Deleuze:

“Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha, nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite o general que há em você! Nunca idéias justas, justa uma idéia (Godard).” (1995, p.36)

ANEXOS

Entrevistas: Colégio Polén

Entrevistado: Wagner Freitas

- 1) **Com qual idade e quantos anos estudou na Escola Pólen?** Estudei no Pólen dos 6 aos 11 anos.
- 2) **O que pensava da forma de ensino, sentia dificuldade?** Eu gostava muito e achava o aprendizado muito simples de compreender.
- 3) **Como poderia descrever?** Uma grande família em que o foco principal era o desenvolvimento da criança no convívio social e no aprendizado do ensino básico.
- 4) **Como foi sair da Escola?** Somente me recordo que foi triste. Sobre o ensino já se foram muitos anos e fica difícil precisar. Antes de estudar no Cap-UERJ eu estive em um outro colégio por um mês e lembro que a minha adaptação foi rápida e me destacava nas aulas. Acredito que a minha dificuldade no Cap se deu ao fato do colégio ser realmente muito difícil e não ao método do Pólen.
- 5) **Para qual colégio se dirigiu? como foi a adequação?** Na quinta série fui para o Colégio de Aplicação da UERJ. Eu tive dificuldades grandes de adaptação principalmente na quinta e sexta séries.
- 6) **O que pode dizer da sua formação devido a Escola Pólen?** O forte convívio forçado em grupo desenvolveu de forma muito benéfica as minhas qualidades interpessoais. Muito do que conquistei e ainda conquisto, eu devo ao Pólen.
- 7) **Colocaria, colocou seus filhos?** Será a escola dos meus filhos.

Entrevistado: Leonardo Carvalho

1 - Estudei por 3 anos na Polén e quando entrei tinha 10 anos de idade, o ano acredito que tenha sido 1994.

2 - Eu adorava a forma de ensino e amava o modo de como eles faziam isso. Não sentia dificuldade nenhuma, pelo contrário, tinha muito mais facilidade em aprender.

3 - O método de ensino era fantástico, os alunos no início do ano estipulavam regras, onde era escolhido o que podíamos fazer e o que não podíamos. Tínhamos liberdade de vestir qualquer coisa.

4 - Sair de lá foi muito triste, lembro que no meu último dia, chorei muito e me escondi no parquinho para não ir embora.

5 - Acabei indo estudar em um colégio chamado Jair Tavares, fica em Campo Grande, a adaptação no início foi muito estranha, ter que ir todos os dias de uniforme, tudo tinha que ser do jeito deles, eu não me sentia confortável com isso.

6 e 7 - Já vou responder essa pergunta junto com a próxima. Acredito que a formação que tive na Escola Polén, foi a melhor que tive em toda minha vida, gostaria muito que meus filhos tivessem esta mesma formação, colocaria eles na Polén sem dúvida.

Entrevistada: Anne Torres

1 - de 97 a 01, tinha 5 anos quando entrei.

2 - Achava boa, apesar de ter saído de lá com algumas falhas graves em matemática, mas pelo menos, minha lógica sempre foi perfeita graças aos exercícios de lá.

- 3 - Divertido e, pelo horário integral, cansativo.
- 4 - Foi bom, pela perspectiva de mudar de colégio, estudar menos tempo.
- 5 - Bahiense, de início foi complicado, não estava acostumada aos trabalhos de casa e a forma não compreensiva dos professores e coordenadores. Sempre fui tratada com carinho na Polén, os professores conheciam bem os alunos, era uma avaliação e ensino mais pessoal.
- 6 - Boa nos aspectos pessoais, entre certo e errado, nas questões lógicas, já que eles usam vários meios de aflorar isso nos alunos, porém meio fraca em relação a matemática.
- 7 - Colocaria, se junto com um curso de kumon ou coisa assim.

Entrevistada: Agnes Lealt

- 1 - Estudei dos 2 aos 8 anos (maternal à 4 série), total de 7 anos.
- 2- Bom, naquela época não pensava muito né... só mais velha é que tive discernimento para perceber as diferenças de ensinamentos. Nunca tive dificuldade pois não vim de uma escola anterior para o Pólen. O Pólen foi minha primeira escola, então não tinha parâmetros para comparar (mesmo sendo uma criança!). O que eu penso da forma de ensino do Pólen é que é uma das maneiras mais inteligentes, delicadas e humanas de se educar uma criança.
- 3 - Tudo é milimetricamente pensado com a finalidade de educar. Educar no sentido amplo da palavra, ensinar a se conviver numa sociedade, numa democracia, respeito às hierarquias, mas principalmente respeito ao próximo. Ao meu ver os pontos mais importantes do "método Pólen" de ensino são:

1) Incentivo à leitura - tínhamos que levar toda sexta-feira um livro para casa, na segunda havia uma pequena interpretação de texto sobre o que cada um tinha entendido sobre o seu respectivo livro.

2) O desenvolvimento da escrita, do raciocínio e da criatividade - através do Diário, que tinha cada dia um tema: dia da mentira, dia do sinônimo, etc, etc e também da Especialidade, onde escolhíamos um tema na biblioteca segunda feira e tínhamos que fazer uma redação sobre esse mesmo tema os 5 dias da semana, sendo que cada dia explorando um ponto de vista diferente.

3) Desenvolvimento da capacidade de convívio em "sociedade" e suas responsabilidades - Mini-comércios e serviços eram administrados pelos alunos da 1 a 4 série. A 4 série administrava o Banco Pólen (os alunos podiam abrir contas, fazer depósitos, saques, comprar na loja de doce com o cheque do banco), a 3 série a Loja de Doce (compra e venda de doces e balas), a 2 série era responsável pelo Correio (alunos mandavam cartas entre si) e a 1 série o Jornal Pólen (alunos pagavam para vender seus bonecos jedi no classificados ou para declarar o amor por algum amiguinho do "recanto" na parte de fofocas).

4 - Fiquei no Pólen de 78 à 85. Nunca tive prova, nem no último ano. Eram exercícios diários onde as "prós" nos davam conceitos : MB (muito bom), B (bom), R (razoável) e acho que P (péssimo). Não tenho certeza, melhor confirmar com Vivien. No mais, sair do Pólen foi uma grande tristeza, achava que nunca mais ia ser feliz num Colégio... coisas de criança.

5 - Bahiense Jacarepaguá. Estaria mentindo se falasse que não tomei um choque quando entrei pro Bahiense, com seu método tradicional de ensino, mas com 1 mês já estava completamente adaptada e sempre fui uma das melhores alunas. Me lembro que o que mais me chamou a atenção foi a quantidade de turmas e alunos para cada série.

6 - Tenho certeza que o Pólen é responsável grande parte pela pessoa que me tornei hoje. Os aprendizados, as lições, os choros, os risos e as amizades (é maravilhoso ter amigos há 27, 28 anos) caminham dentro do meu coração. Quase diariamente aciono em mim algum pensamento e/ou sentimento cuja sementinha foi plantada lá, na nossa horta.

7 - Colocaria, sempre. Ainda não tenho filhos, mas quando tiver farei de tudo para que estudem lá.

Entrevistado: Marco Belotti

1 – Comecei com aprox. 5 anos e estudei 7 anos na Escola Pólen.

2 - Não senti dificuldade, tanto que pulei o 2º jardim.

3 – acima.

4 - Foi bem diferente.. fui para o Garriga de Menezes, e a diferença de tamanho entre os colégios era muito grande. Mas me adaptei bem.

5 – acima.

6 - Muito boa, gostei muito da liberdade e responsabilidade que o colégio dá aos alunos.

7 – Sem dúvida sim.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, *Saber e Ensinar: Três Estudos de Educação Popular*, Campinas: Papyrus, 1984.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Educação artística: leis e pareceres*. MEC/Secretaria de Ensino 1º e 2º graus, Brasília: 1982.

COLL, César. *O Construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática. 1998

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FUSARI, Maria F. R.; FERRAZ, Maria H. C. T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix, *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Edição 34, 2000.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix e DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 11ª Edição, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática. Velhos e novos temas*. Goiânia: Edição do autor, 2002.

SILVA, Tomaz T. *Alienígenas da sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Fontes de Internet:

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. *Sinopse Estatística da Educação Básica 2007*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/> - Acesso em: 14 de dezembro, 2009, 10h56

CADENA, Bianca Afonso. *O Papel da Educação Física na Inclusão e Ressignificação das Práticas Culturais da Comunidade no Espaço Escolar*. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/o-papel-educacao-fisica-inclusao-ressignificacao-das-praticas-culturais-comunidade-espaco-escolar> - Acesso em: 04 de Outubro, 2009, 10h23.

CAPRIGLIONE, Laura. *A guerra das palavras*. Disponível em: <http://historiafunbbe.blogspot.com/2008/10/guerra-das-palavras.html> Acesso em: 05 de novembro, 2009, 00h20.

COELHO, Marcelo. *Resposta à matéria de Veja*. Disponível em: http://www.geomarcelocoelho.globolog.com.br/archive_2008_09_08_33.html Acesso em: 05 de novembro, 2009, 22h05.

Centro de Criatividade Pró-Ensino. Disponível em: www.ccpe.com.pt/ Acesso em: Segunda-feira, 30 de março de 2009, 16h00.

Centro Educacional Miraflores. Disponível em: <http://www.miraflores.com.br/> Acesso em: 12 de outubro de 2009, 12h15.

Centro em Movimento. Disponível em: www.c-e-m.org Acesso em: 28 de maio de 2009, 14h50.

Colégio Ponto de Ensino. Disponível em: <http://www.pensi.com.br/> Acesso em; 12 de outubro de 2009, 11h00.

CORAZZA, Sandra Mara Artigo. *Na diversidade cultural, uma 'docência artística'*. Porto Alegre, Revista Pátio, ano V, nº 17, maio/julho/2001. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=16/ Acesso em: 02 de Outubro de 2008, 20h35.

DELUIZ, Neise. *O Modelo das Competências Profissionais no Mundo do Trabalho e na Educação: Implicações para o Currículo*. Disponível em: <http://www.uepg.br/formped/disciplinas/Estagio%20Comp.Profissionais.pdf> Acesso em: 05 de novembro, 2009, 22h40.

Espaço Cultural Camarim das Artes. Disponível em: <http://www.ciacatarse.com> Acesso em: 28 de outubro de 2009, 17h45.

Escola Pólen. Disponível em: www.escola-polen.com.br/ Acesso em: 15 de outubro de 2009, 20h35.

FREIRE, Roberto. *Pedagogia libertária*. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0136.html> Acesso em: 07 de Outubro de 2008, 19h00.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. *Currículo como máquina desejante*. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/T1219084572503.doc/ Acesso em: 01 de dezembro de 2009, 19h15.

MACHADO, Wilson Rodrigues. *Pedagogia Libertária: projeto e utopia educacional na sociedade capitalista*. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/010/10machado.htm> Acesso em: 05 de novembro, 2009, 23h35.

POUGY, Eliana. *O que é diferença afinal?* Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/colonistas.asp?id=1484> Acesso em: 01 de dezembro, 2009. 22h15

Revista Escola. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/ed_anteriores_especiais/Esp_010.shtml Acesso em: 18 de outubro de 2008, 14h10.

http://revistaescola.abril.com.br/ed_anteriores_especiais/Esp_004.shtml Acesso em: 18 de outubro de 2008, 15h00.

SCHRAMM, Marilene de Lima Korting. *As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte*. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=23 Acesso em: 27 de Outubro de 2009, 21h20.

WEINBERG, Monica e PEREIRA, Camila. *Revista Veja: Prontos para o século XIX*. Edição 2074. Agosto, 2008. Disponível em: http://veja.abril.com.br/200808/p_072.shtml Acesso em: 05 de novembro, 2009, 21h08.